

# TEORIA FEMINISTA : O desafio de tornar-se um paradigma <sup>1</sup>

FEMINIST THEORY: THE CHALLENGE OF BECOMING A PARADIGM.

*Mirian Santos Paiva* <sup>2</sup>

**RESUMO:** Partindo da crise do paradigma tradicional e tendo como epicentro a crítica feminista, este trabalho tenta mostrar o desafio que enfrenta a teoria feminista para tornar-se um novo paradigma e para tanto realiza-se uma pesquisa bibliográfica, consubstanciada na literatura pertinente ao tema . Evidencia-se que o desafio de ser um paradigma em ascensão faz com que esta teoria enfrente problemas teóricos, conceituais e metodológicos que precisam de um esforço conjunto para serem aprofundados e resolvidos. Todavia, o desenvolvimento desta teoria não depende apenas do mundo acadêmico, mas está também atrelado a mudanças na estrutura social, pois, de uma sociedade mais igualitária, mais facilmente emergirá um conhecimento sem dominação de gênero.

**UNITERMOS:** Teoria feminista - Ciência feminista - Paradigma feminista.

**ABSTRACT:** From crisis of traditional paradigm and having feminist criticism as an epicentre, this work attempts to present the challenge feminist theory faces for becoming a new paradigm and for that, a bibliographical research is accomplished, sustained by literature regarding to this theme. It is evidenced that the challenge of being a paradigm in ascension makes this theory to face theoretical, conceptual and methodological problems which need a joined effort to be deepened and solved. However, this theory development depend not only on the academic world but is also linked to changes in social structure for it will more easily emerge, from a more equalitary society, knowledge with no domination of gender.

**KEYWORDS:** Feminist theory - Feminist science - Feminist paradigm

## INTRODUÇÃO

Discutir o desafio da teoria feminista para tornar-se um novo paradigma de compreensão da realidade passa por uma reflexão sobre o paradigma tradicional positivista - empirista, visto que ele constitui a visão dominante no processo de produção do conhecimento, na contemporaneidade.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no 9º SENPE – Vitória – Espírito Santo, julho de 1997.

<sup>2</sup> Professora Adjunta da EEUFBA; Doutoranda da EEUSP; Pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher da EEUFBA - GEM

Este artigo, contudo, não tem a pretensão de esgotar a reflexão sobre o tema que, pela sua complexidade, exigiria uma revisão profunda da literatura específica para ser recolocada numa dimensão maior de análise e crítica. Mas, tenta mostrar algumas perspectivas e caminhos já trilhados por cientistas feministas para desnudar a subordinação da mulher na sociedade \_ fenômeno milenar e universal \_ um contraste à consciência crítica feminista \_ fenômeno recente no mundo científico.

O modelo positivista - empirista, no último século, ocupou lugar de destaque no mundo do conhecimento, levando os cientistas a busca de regras metodológicas ou de procedimentos que produzissem proposições objetivamente fundamentadas.

Estas regras, segundo GERGEN (1993:49) :

*“exigem que um investigador especifique uma série de fenômenos observáveis para serem analisados, empregue procedimentos rigorosos de amostragem, desenvolva dispositivos padronizados de medição, controle as variáveis relevantes, coloque as hipóteses à prova através de testes dedutivos, forneça análises estatísticas e assim por diante”*

Na verdade, observa-se que a ciência empírica tradicional apoia-se na suposição de que existe uma realidade objetiva e que o método científico é um meio isento de valor para descobrir vínculos causais e generalizar relações, tendo como meta da investigação a predição e o controle.

Ora, para alcançar esta objetividade científica, seguir alguns princípios metodológicos torna - se imperioso. *Gergen* (1993) destaca entre eles os seguintes;

- a) independência entre cientista e objeto da pesquisa, onde ele / ela é considerado (a) um (a) observador(a) independente e minimiza qualquer relacionamento entre ele / ela e o objeto de estudo, garantindo, desta forma, a confiabilidade dos dados colhidos, já que o objeto não será influenciado;
- b) “descontextualização” do fenômeno, pois este é visto enquanto expressão de uma lei universal e, na tentativa de esclarecer as relações existentes no estudo, o (a) cientista, geralmente, abstrai as unidades analíticas que interessam de seu contexto cultural e histórico. Neste processo de “descontextualização” o (a) pesquisador (a) também deve remover suas experiências de vida;
- c) possibilidade da teoria e da prática isentas de valor, ou seja, o(a) pesquisador(a) pode e deve produzir ciência com isenção de valores. Preconceitos pessoais, princípios éticos e outras preocupações de valor não devem influenciar a pesquisa;
- d) a independência dos fatos em relação à(o) cientista, isto é, os fatos são independentes de quem os estabelece. E, ainda, pode - se obter as mesmas conclusões em relação à natureza do mundo, se os métodos científicos usados forem apropriados;

- e) a superioridade do(a) cientista em relação às outras pessoas, colocando-o(a) como mais sábio(a) e mais competente que o objeto de pesquisa. É capaz de controlar a maneira como o estudo se processa e não compartilha suas opiniões com os objetos de estudos. A validade do conhecimento passa sempre por procedimentos científicos.

Como se pode apreender, o ideal de cientificidade é constituído a partir dos princípios da objetivação, da experimentação e da matematização, o que traz dificuldades metodológicas para as ciências humanas, cujos fenômenos são essencialmente qualitativos.

Tentativas de aproximação das ciências humanas às ciências naturais e exatas foram feitas por várias correntes de pensamento, buscando o ajuste ao paradigma dominante. Mas, em contrapartida, outras correntes surgiram fazendo a crítica e colocando-se em oposição ao positivismo, defendendo a postura de que cabia às ciências sociais a compreensão do significado da ação humana.

Como bem salienta *Minayo* e *Sanches* (1993:243) “a corrente compreensivista - mãe das abordagens qualitativas - ganhou legitimidade à medida que métodos e técnicas foram sendo aperfeiçoados para a abordagem dos problemas humanos e sociais”. Destacam ainda estes autores, que a sociologia compreensiva, ao contrário do positivismo, privilegia o aprofundamento do qualitativo inerente ao social, como possibilidade e único quadro de referência condizente e fundamental das ciências humanas na atualidade.

Diferentemente da abordagem quantitativa, a qualitativa se afirma no campo da subjetividade e do simbolismo, realizando uma aproximação entre sujeito e objeto. A geração do conhecimento é, portanto, advinda da conexão social ao invés da separação.

Sem dúvida, essas e outras reconceitualizações da ciência deixaram à mostra uma crise na visão tradicional de compreensão da realidade, deixando claro que o paradigma positivista - empirista não resolvia uma série de questões, sendo necessário, como propunha Kuhn para os momentos de crise, uma nova revolução científica.

Nesta perspectiva, *Capra* (1991:14) diz, ao criticar a visão de mundo cartesiana, que “*precisamos, pois, de um novo ‘paradigma’*” uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossa fundamental em nossos pensamentos, percepção e valores”.

## **A PERSPECTIVA FEMINISTA PARA A COMPREENSÃO DA REALIDADE**

A produção do conhecimento é assegurada por processos dinâmicos que se desenvolvem no transcórre do contexto histórico-social. Na construção de novos paradigmas, os anos 60 e 70 foram privilegiados, pois eles foram invadidos por uma avalanche de movimentos sociais que traziam em si novas visões da realidade, destacando - se entre eles o movimento feminista .

Este movimento trouxe à tona o processo de exclusão sofrido pelas mulheres ao longo da história, onde as várias formas de organização social fizeram - nas ficar confinadas no âmbito do privado, do doméstico. E, em suas discussões, toma como ponto de partida a dominação masculina, peculiar ao patriarcado, que tem um papel preponderante no estabelecimento das relações desiguais entre homens e mulheres.

Esta dominação masculina também se faz presente na ciência, principalmente no modelo positivista - empirista, já que a objetividade (sua principal característica) sempre fez parte do mundo dos homens, em contraposição à subjetividade que era considerada uma característica feminina.

Nesta perspectiva é que o feminismo classificou a ciência como androcêntrica, ou seja, é em si mesma uma projeção da ideologia ou dos valores masculinos. *Hubbard* (1993), como muitas outras feministas, analisa que toda ciência é derivada da tradição patriarcal, uma vez que, a maior parte dela, foi desenvolvida e controlada por homens brancos e de classes média alta e alta, que compõem o mundo científico, o qual ela denominou de "torre de marfim".

Passaram então as (os) pesquisadoras (es) feministas a questionar o retrato da realidade que refletia a dominação masculina e negligenciava a mulher apresentando, desta forma, resultados não representativos bem como contribuindo para a invisibilidade da mulher como sujeito / objeto do conhecimento.

Dirão os adeptos da pesquisa tradicional que a mulher sempre esteve presente nos estudos através da variável sexo, porém, com certeza, contra argumentarão as(os) pesquisadoras(es) feministas que sexo foi por muito tempo visto como uma variável do sujeito e sob este aspecto comenta *Unger* (1993): "como sexo não pode ser experimentalmente manipulado, a tendência foi renegá-lo à área de pesquisa da diferença individual, ao lado de outras variáveis incômodas tais como raça, etnia, tamanho e aparência física... Habitualmente eram dadas explicações biológicas e as explicações sociais eram ignoradas". (p.150)

Ainda no que tange ao sexo, Acker, Barry e Essevald, citados por *De Marco et al* (1993:31), confirmam que:

*" a pesquisa feminista deve possuir como base a compreensão de que sexo é o centro de uma construção social da realidade e, chamam atenção para o fato de que deve ser um processo aberto e crítico, onde todas as ferramentas intelectuais que nós herdamos de uma tradição intelectual dominada por homens sejam colocadas em questão, incluindo as idéias sobre a natureza básica dos seres humanos, a natureza da vida social, a visão mundial tomada como certa ciência tradicional, quais os conceitos e questões que podem ajudar a iluminar nossa condição de parceria, e como nós poderemos passar a desenvolver tal conhecimento".*

Entender sexo como uma construção social é desvendá-lo dentro de outro conceito chave no feminismo, que é o de gênero, defendido por Harding citado por *Castro e Bronfman* (1993) como sendo “uma construção social sistemática do masculino e do feminino que está pouco (ou nada) determinado pela biologia (pelo sexo), presente em todas as sociedades, e que permeia todas as dimensões da vida social e privada”. (p.378)

Todavia, como bem salientam *Castro e Bronfman* (1993), a produção de conhecimento científico numa perspectiva feminista não está respaldada apenas na teorização de idéias acerca das desigualdades de gênero, mas está estritamente vinculada à estrutura social predominante. A ênfase feminista, inclui ainda a consideração de preconceitos de classe e de raça. Sob este aspecto, torna-se imperativo lembrar que a ciência feminista teve sua origem não no mundo acadêmico mas no movimento social.

## A TEORIA, O DESAFIO

Teoristas feministas sugerem que a teoria feminista seja caracterizada pela união e pelo relacionamento, orientação contextual e ênfase no subjetivo.

*Scott*, citada por *Wuest* (1994), diz que “necessitamos de uma teoria que quebrará a influência conceitual pelo menos daquelas tradições antigas da filosofia (ocidental) que construíram sistemática e repetidamente o mundo de forma hierárquica em termos universais masculinos e particularidades feministas “. (p.578)

Várias são as correntes existentes no feminismo (marxista, liberal, socialista, radical etc...), entretanto, todas elas têm em comum o fato de serem as mulheres o maior foco da pesquisa e da teoria, de terem como meta a visualização do mundo através dos olhos dos outros, de serem emancipatórias e de refletirem a pluralidade e a diversidade das experiências humanas.

*Gergen* (1993), ao criticar o paradigma empirista, sugere elementos para uma metateoria feminista e uma metodologia auxiliar:

- a) deve haver uma conexão harmoniosa entre as pessoas nos contextos sociais que servirão de base para construção de métodos científicos e, neste caso, pesquisador(a) e objeto de pesquisa são interdependentes;
- b) o objeto de pesquisa depende do contexto para prover a sua identidade, não sendo possível “descontextualizar” um fenômeno sem modificar a sua significação;
- c) não é possível ter-se uma ciência isenta de valores, o desafio proposto pelo feminismo é de que o(a) pesquisador(a) deve articular os valores e, com base neles, desenvolver novas teorias e formular novas práticas de pesquisa;
- d) o que se transforma em fato estabelecido não reflete o mundo como ele é, mas o mundo submetido à interpretação. “As interpretações são necessárias para selecionar ou criar um vocabulário relevante e um

*modelo teórico, para se fazer distinções entre objetos, para se formular sistemas de explicação e resumir descobertas” (p.115). A forma como a linguagem modela o trabalho científico é de vital importância para as preocupações metodológicas feministas;*

- e) o(a) cientista deve respeitar o valor em potencial das idéias dos objetos de pesquisa e defender e realçar a voz dos(as) participantes da pesquisa.

Ressalta ainda Gergen (1993:117) que:

*“a pesquisa de inspiração feminista quer que se reconheça que cientistas, objetos de pesquisa e “fato” estão todos inter-relacionados, envolvidos em influências recíprocas e sujeitos a constrangimentos linguísticos e de interpretação. Além disso, os empreendimentos científicos seriam tratados como tendo carga de valor e tomados com orientações de valor específicos em mente”.*

Ao tratar a epistemologia feminista, *Young-Eisendrath* (1993) pontuou que o feminismo fornece duas dimensões: uma de desconstrução e outra de reconstrução. A desconstrução faz uma crítica a hipóteses culturais e psicológicas de inferioridade do gênero feminino e todas as atividades e preocupações associadas com as mulheres. Em termos de reconstrução, a epistemologia feminista é a articulação do sistema de conhecimento feminista através de novos contextos sociais, novos significados e novos discursos sobre trabalho e identidade femininos.

Em outras palavras, percebe-se que as práticas de desconstrução permitem esforços de reconstrução, e este movimento favorece a compreensão da produção social do conhecimento, pois os processos reflexivos são imprescindíveis para transformações mais complexas nas epistemologias e teorias.

Novas epistemologias e/ou teorias defrontam-se com duas questões importantes. A primeira delas é relativa aos métodos, ou seja, questiona-se se os já existentes se adequam ao novo tipo de conhecimento. No caso da teoria feminista, os métodos qualitativos têm-se mostrado mais próximos, visto que eles também trabalham com a subjetividade e enfatizam a importância de recuperar o ponto de vista dos atores.

Todavia, muitas(os) estudiosas(os) vêm propondo técnicas e modelos que vão além dos existentes, enquanto outras(os) sugerem que todas as visões de mundo são tratáveis pela investigação feminista. *De Marco* et al. (1993), citando *Harding*, destacam que a maneira como o método é empregado é que possui o potencial de minimizar ou maximizar o preconceito de qualquer método. Na atualidade, estes são pontos de debates constantes, sem que regras a serem seguidas tenham sido estabelecidas e talvez devido à pluralidade do feminismo realmente não fique estabelecida uma única maneira de se fazer apreciação feminista.

A segunda questão refere-se ao rigor científico, pois o novo conhecimento precisa garantir que os processos utilizados sejam bem fundamentados, irrefutáveis, justificáveis e relevantes. Parâmetros como confiabilidade e validade refletem o reducionismo e o objetivismo do modelo positivista e não se aplicam aos estudos feministas, portanto, novos padrões de suficiência precisam ser buscados. Todavia, este não é um desafio apenas da teoria feminista, mas também de outras correntes e métodos que na atualidade buscam credibilidade e legitimidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria feminista tem em si o desafio de ser uma ciência muito diferente da que temos, pois esta se constitui em bases de dominação sobre as mulheres, e aquela se constrói a partir das experiências vividas pelas mulheres e, portanto, traz em si uma reconceitualização do conhecimento.

O desafio de ser um paradigma em ascensão faz com que esta teoria enfrente problemas teóricos, conceituais e metodológicos que precisam de um esforço conjunto para serem aprofundados e resolvidos. Todavia, o desenvolvimento desta teoria não depende apenas do mundo acadêmico, mas está atrelado a mudanças na estrutura social, pois, de uma sociedade igualitária, mais facilmente emergirá um conhecimento sem dominação de gênero.

Entretanto, como diz *Gergen* (1993:125), "é necessário que as comunidades de acadêmicas(os) e outras pessoas interessadas tomem a si o desafio de criar em conjunto instâncias concretas de ideais abstratos" **O desafio está lançado...**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAPRA, Fritijof. *O ponto de mutação*. 11ª ed. São Paulo : Cultrix, 1991, 447 p.;
2. CASTRO, Roberto P. ; BRONFMAN, Mário P. Teoria feminista y sociologia medica: bases para una discusión. *Cad Saúde Púb.*, v. 9, n. 3, p. 375-394,1993;
3. De MARCO, Rosana; CAMPBELL, Jacquelyn; WUEST, Judith. Feminist critique: searching for meaning in research. *Adv. Nurs. Sci.*, v. 16, n. 2, p. 26-38, 1993;
4. GERGEN, Kenneth J.. A crítica feminista da ciência e o desafio da epidemiologia social. In: GERGEN, Mary Mc Canney (ed.) - *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Tradução de Ângela Melin. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: Edunb, 1993, p. 48-69, cap. três

5. GERGEN, Mary Mc Canney. Rumo a uma metateoria e metodologia feministas nas ciências sociais. In: \_\_\_\_\_. *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Tradução de Ângela Melin. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: Edunb, 1993, p. 110-128, cap. seis;
6. \_\_\_\_\_. *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Tradução de Ângela Melin. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: Edunb, 1993, p.177-197, cap. dez.
7. HUBBARD, Ruth - Algumas idéias sobre a masculinidade das ciências naturais. In: GERGEN, Mary Mc Canney (ed.). *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Tradução Ângela Melin. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: Edunb, 1993, p.21-47, cap. um
8. MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio - Quantitativo – qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cad. Saúde Públ.*, v. 9, n. 3, p 239-262, 1993.
9. UNGER, Rhoda K. - Epistemologia psicológica, feminista e pessoal: transcendendo a contradição. In: GERGEN, Mary Mc Canney (ed.). *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Tradução de Ângela Melin. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: Edunb, 1993, p. 148-166, cap.oito
10. WUEST, Judith. A feminist approach to concept analysis. *Western Journal of Nursing Research*, v. 16, n. 5, p. 577-586, 1994;
11. YOUNG - EISENDRATH, Polly. A pessoa do sexo feminino e como falamos dela. In: GERGEN,